S. PAULO (Brazil) — **Sabbado, 3 de fevereiro de 1912** — **ANNO XI — NUMERO 124**

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio

OS TARTUFOS A' JUSTIÇA

Com a resolução do Tribunal do Jury, os padres foram declarados criminosos — Porque não procede a Justiça contra elles? — Ficará sem resposta a pergunta fatidica: Onde está Idalina?

A noticia do resultado do julgamento farça da fantastica mulher indicada pelos padres do Orfanato como raptora da infeliz Idalina, produziu no povo a intensa impressão que era de esperar, tanto pelo inesperado do acontecimento como pela sua evidente importancia na marcha desta campanha que ninguem sabe já quando terminará.

Este choque da verdade com a intrujice, da luz contra as trevas, esta batalha dos espiritos livres que se conglobaram para a descoberta de um crime infame commettido por individuos tidos como abnegados sacerdotes de uma religião, ao redor dos quaes formaram quadrado todos os elementos reaccionarios da sociedade, transformando um delicto commum em uma luta de principios, volta agora a um novo periodo de actividade com terriveis circumstancias aggravantes para os denunciados.

Quando em junho de 1907 o sr. Domingos Stamato, pai adoptivo de Idalina, foi retira-la do Orfanato, onde tinha sido internada como orfã em companhia de seu irmão Socrates, por sua ordem e com uma apresentação do padre Nunzio Grecco, foi-lhe dito pelos padres que já tinham-na entregue á sua mãi, uma tal Maria Luiza ou Itala Fonte.

Foi então que teve inicio a farça cujo desfecho apreciámos no dia 24 do corrente no Tribunal do Jury desta capital.

A Justiça confirmou por um dos seus mais importantes orgãos o que vinhamos affirmando até aqui. E o publico que tem acompanhado esta campanha é disso fiel testemunha.

Não é certo que nós nunca cessamos de dizer, de demonstrar claramente que o rapto da pobre orfã não passava de uma insustentavel historia preparada pelos padres para justificarem o seu desapparecimento e encobrirem o seu crime?

Nós sempre o affirmámos com fortissimas razões, nós não nos cançamos de o bradar alto e bom som.

Mas a grande imprensa, poz-se do lado dos padres que offerecem sempre mais possibilidades de renda, e a Justiça só se moveu para nos perseguir.

Entretanto a nossa voz de protesto não deixou de ser ouvida até que um Tribunal se encarregou de dar a sancção legal ás razões dos modestos combatentes, que não recuaram jámais do cumprimento do seu dever, mesmo quando contra elles se congregaram os jornalistas venaes, a policia violenta e os magistrados parciaes e apaixonados.

Quando a consternada familia adoptiva de Idalina de Oliveira della pedia conta, o que lhes respondiam os padres?

Já a haviam entregue á sua mãi.

E quem era essa mulher? como se chamava? em que lugar se encontrava? onde estavam os documentos por ella apresentados?

Mil intrujices, vergonhosas mentiras eram trazidas á publico para sustentar a farça salvadora.

Mas a verdade sempre apparece.

E ahi temo-la agora forte e pura a desmascarar os miseraveis criminosos que, acobertados pelo manto esfarrapado da caridade religiosa, vivem a embrutecer e a roubar a gente ingenua e ignorante.

Maria Luiza ou Itala Fonte é uma creação fantastica — disseram-no os jurados.

Idalina de Oliveira não foi retirada do Orfanato Christovam Colombo — affirmou o Tribunal do Jury em decisão unanime.

Se Idalina não foi retirada do Orfanato pela inexistente e fregoliana mulher deve ainda lá estar. E se lá não se encontra, que fizeram della?

Sim, respondei-nos, ó farçantes: Onde está Idalina?

Agora foi tambem um Tribunal que vos desmascarou, foram doze cidadãos, inteiramente insuspeitos e considerados na sociedade conservadora, que deram o derradeiro golpe no vosso já cambaleante castello de cartas.

A sociedade conservadora, pela voz de um dos seus orgãos legaes, sentencêa que as vossas affirmações são grosseiras mentiras, que a filha da desventurada Candida de Oliveira não foi retirada do Orfanato, theatro dos vossos delictos.

Se ella dahi não saíu, deveis já, incontinente, apresenta-la á familia que a creou como a uma filha.

Idalina de Oliveira deve ser immediatamente entregue ao sr. Stamato. Só assim conseguireis desfazer as accusações precisas que contra vós foram levantadas.

Idalina não apparece porque foi victima de um crime, de um desses hediondos crimes que constantemente são registados nos collegios clericaes — é o que diz o povo.

São gravissimas as accusações que pesam sobre vós. E ellas só desapparecerão quando responderdes, grandes falsarios e mystificadores, á fatidica pergunta:

Onde está Idalina?

Horriveis são os crimes de que vos apontam como autores.

Se não apresentaes Idalina é porque a pobre criança não conseguiu escapar á vossa lascivia de satyros devassos. E para occultar esse delicto fosteis levados a commetter um outro mais horroroso ainda.

Idalina, depois de servir de pasto á vossa lubricidade, foi assassinada quando pretendia fugir do vosso covil.

Quando foram feitas essas accusações? quem as denunciou?

Todo o mundo o sabe. Fomos nós que as entregámos á Justiça e ao publico.

Ouvimo-las da bocca de exalumnos do Orfanato, que depois as confirmaram perante as autoridades em diversos interrogatorios.

Que importa que uma das testemunhas tenha depois desmentido as suas primeiras declarações?

Por estas mesmas columnas foi denunciada a escandalosa pressão sobre ella exercida para obterem essa forçada retratação.

As intimidações da familia e de terceiros, o terror que lhe produziu no espirito todo o grande apparato da policia venceram-na.

Mas as suas accusações ficaram de pé a exigir um desmentido formal, documentado.

Basta de farças, mystificações e intrujices. O povo já está farto de tanta infamia.

Se aqui existisse uma imprensa menos pusilanime e venal e uma Justiça mais ciosa de sua independencia, os padres do Orfanato não continuariam a escarnecer impunemente deste povo tão paciente para com os que menosprezam os seus direitos.

Difficilmente em outras partes do mundo um facto tão escandaloso como a mystificação com que se quiz fazer apparecer Idalina na pobre Maria Magdalena ficaria, como aqui, sem a devida punição.

Os padres do Orfanato Christovam Colombo são criminosos confessos, incursos nos crimes punidos pelos art. 290 § unico combinado com o art. 291 do Codigo Penal.

Esses padres encarregaram-se da creação e educação de Idalina e sonegaram-na, deixaram de apresenta-la a quem de direito quando reclamada.

Que espera, portanto, a Justiça que não instaura, já, um processo contra esses criminosos? Ou reservaes toda a vossa severidade para ser applicada contra nós? E o povo o que faz, já não terá mesmo mais energia para fazer da sua justiça?

Calem-se todos, acovardem-se os juizes, silencie a grande imprensa, mas nós jámais cessaremos de reclamar Justiça, de apontar os criminosos ao povo, bradando bem alto:

ONDE ESTÁ IDALINA?

O que dizem alguns jornaes

A *Gazeta da Tarde*, o vespertino do Rio que desde o inicio da campanha sobre o caso Idalina tem se portado com louvavel independencia, assim se exprime sobre o julgamento da celebrada Maria Luiza-Itala Fonte:

«Um telegramma de hoje, de S. Paulo, dá margem a que resurja na imprensa a pergunta — *Onde está Idalina?* — pergunta, aliás, que nunca saiu das consciencias honestas sabedoras do grande escandalo clerical de S. Paulo.

O jury paulista absolveu a tal mulher imaginaria, invisivel, inattingivel, Maria Luiza ou Itala Fonte, que o padre satyro director do recolhimento disse ter retirado a menor Idalina.

A'parte o curioso do jury julgar uma pessoa ausente, coisa que aliás é perfeitamente judiciaria, se bem que exdruxula, fica o caso de reunirem magestaticamente em torno de uma mesa presidida por um jury togado, toda essa enscenação de respeito e magestade, para julgamento de uma pessoa com dois nomes! No caso de condemnação, a supposta raptora de Idalina iria para a cadeia com dois nomes? Não, dirá o jury. Perguntar-se-lhe-ia o nome real ao trancafia-la no xadrez.

Mas, se essa mulher é imaginaria, é forjada no conciliabulo clerical paulista? Se ella nunca existiu?

Ora... deixemo-nos de complicações hermeneuticas para destrinçar o caso. O caso é simples. O clericalismo preparou esse jury, na certeza de que a abstrata ré fosse condemnada. Foi o diabo isso do jury absolve-la, pela negativa do facto principal, isto é, pelo rapto de Idalina.

Logo, repita-se a pergunta: ONDE ESTÁ IDALINA?»

* * *

O *Correio da Noite*, que tambem foi um dos poucos diarios que tratou do caso Idalina com muito acerto, reproduziu detalhadamente dos jornaes de S. Paulo a noticia do julgamento do dia 17 do corrente.

* * *

A Republica, de Santos, publiblicou um vibrante artigo commentando o *verdictum* do Tribunal do Jury, artigo que reproduziremos em outro numero.

Continuam na 2.ª pagina os commentarios sobre o caso do Orfanato.

Diante do forno crematorio



Que horror!... Queimar carne humana!

Diante da fogueira santa



Herejes! Fogueira com elles!

Orate frates!

Em todos os altares da matriz da Candelaria, do Rio, foram celebradas missas por alma dos soldados e populares mortos durante o bombardeio da Bahia, no dia 10.

Os bahianos, catholicos ferventes, como é, aliás, toda a gente que se preza, divididos em dois grandes bandos, ambos commandados pelos seus respectivos *pagés*, estão a batalhar feio e forte nas ruas da velha S. Salvador e a mandar para melhor muito dos seus conterraneos e alguns tambem que lá não nasceram.

Não resta duvida que algumas duzias de missas, de vez em quando, são necessarias em taes casos, sobretudo para a bolsa dos nossos bons e dignos reverendos, porque os mortos não tendo tido tempo, a maior parte, de pôr em ordem os seus negocios antes de deixar este mundo, estão com certeza á espera que os venham tirar do Purgatorio, que é assim uma especie de Colonia Correccional lá de cima.

Ainda não nos disseram, entretanto, si tambem por lá é de usança mandar-se *cascar a marreta* nos detidos, como fazem no feudo de S. Belisario, que é esta muito *civilizada* S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Quem se quizesse dar ao trabalho de penetrar nas respectivas jaulas das diversas delegacias da capital, com especialidade na da chefatura ali da rua da Relação, com certeza colheria dados interessantissimos para um estudo dos costumes e usos das boas almas que dirigem estes lugares.

Mas passemos e occupemo-nos de cousas mais transcendentes, como seja, por exemplo, a nossa eterna felicidade na mansão dos justos, que só se adquire com muita resignação e completo abandono de *tudo* neste valle de lagrimas; com muitas orações, missas, communhões, donativos, etc.

Parece que uma lanterneta, enviada pelos catholicos fardados do forte do Barbalho, ia, quasi, pondo em risco a igreja da Sé Metropolitana e o palacio do arcebispo, que lhe fica contiguo. Por um *tiquinho* que não tiveram a sorte do palacio do governo, limitando-se a cousa á destruição de parte da cornija do edificio.

Mas que susto devem ter passado os santos falantes e mudos que lá estavam e que se julgavam ao abrigo da metralha brutal e assassina com a protecção da cruz espetada bem alto, a corvar a torre como um para-raio!

Emfim, estão inteiriços todos os habitantes, dos santos lugares, porém o *samba* continúa a ferver com tal sustancia na terra de Castro Alves e Sabino Vieira, que faz honra aos promotores da festança, sim senhor!...

A dansa tende a esquentar ainda mais, segundo se presume, porque a mulata é sacudida e as bulhas que têm havido é sómente porque ha dois partidos, como nos circos de cavallinhos, que lhe disputam as vantagens e preferencias.

A proposito: quem sabe se não são os anarchistas que andam a dynamitar os jornaes e a querer matar o governador e seus amigos?

Estamos a apostar que são elles mesmos, porque da parte dos que vão á missa na igreja da Piedade e á festa do Senhor do Bomfim, que é a Penha ou a Apparecida de lá, não partiriam estes actos monstruosos, nem elles teriam caçado e matado a tiros soldados de policia, leaes e dedicados mantenedores da *ordem* publica, que se tinham lançado ao mar no proposito de banhar-se, com certeza por effeito dos grandes calores reinantes...

A averiguar, portanto.

Fica incumbido disso o revmo, conego Galvão que vai commandar, dizem, o terreiro em que dansam os grupos e que sahirá, estamos certos, com galhardia da difficil tarefa.

Tambem não seria máo que mandassem rezar mais algumas grozas de missas nas vinte e tantas igrejas locaes e de todo o paiz. Isto não faria mal nenhum ás algibeiras de ss. reverendissimas e á bolsa de S. Pedro.

Ah! os bons filhos... de Deus!

Adrecal.

Rio, 29 de janeiro de 1912.

Carolismo habitual e inveterado — cura-se com a divulgação da Lanterna.



A imprensa franceza occupou-se recentemente de um caso interessante. Um rico proprietario de Bar-sur-Aube, certo Gastão Vinchou, foi como perigrino a Lourdes e taes coisas ouviu dos padres, que, ao regressar á sua terra natal, despiu-se e atirou fora, pela portinhola do vagão, uma carteira recheada com duzentos mil francos, gritando que queria despojar-se dos seus bens para seguir a divina palavra de Christo.

A opinião geral foi que o pobre rico enlouquecêra — e, naturalmente, os padres foram da opinião geral. Louco! evidentemente louco! Porque o desgraçado não percebera patavina dos ensinamentos e exhortações dos representantes de Deus.

Despojar-se, sem dúvida, era christão, era o mais nobre dos gestos e a mais alevantada das acções. Era o sacrificio grato a Deus, a humilhação que merece e chama a celestial recompensa. Despojar-se, sem dúvida, mas utilmente: a carteira que voou, esteril e vã, lançada desdenhosamente ao vento fugitivo da marcha, deveria ter caído no regaço misericordioso dos levitas. Dar aos padres é dar aos pobres e emprestar a Deus. Juro: cento por um e a vida eterna. Um verdadeiro thesouro... no céu, segundo os Evangelhos.

O nosso Vinchou estava, pois, comprovadamente louco. Se não, teria piedosamente imitado aquelles que, em tempos medievaes, annunciando-se o fim do mundo com a vinda de um cometa, doavam, em tal previsão, todos os seus bens aos conventos.

— Que mentecaptos! Acabado o mundo, acabariam os frades... — direis vós.

E' que vós sois herejes e não padres.

Zeno Vaz

OS JESUITAS

ACTIVIDADE JESUITICA NO BRASIL

Os jesuitas vieram ao Brasil sob o pretexto de propagar a fé pelos autoctones, e espalhar a instrucção pelos colonisadores. A catechese e o revigoramento da religião foram, portanto, as causas apparentes que determinaram a vinda dos jesuitas ao Brasil; entretanto os factos e a logica das cousas provam que os pretextos dessa causa apparente cedem diante da flagrante causa real, que foi a exploração. Os jesuitas não vieram ao Brasil cuidar da catechese; vieram explorar as riquezas escondidas no seio virgem das nossas selvas seculares; o jesuita não penetrava no interior das nossas mattas umbrosas, para espalhar o Evangelho pelos selvagens; elle penetrava nos sertões para farejar o ouro, as pedras preciosas, as infinitas riquezas, emfim, que se escondiam no interior de nossa grandiosa natureza.

Astuciosos, cheios de ardis e de reconditas hypocrisias, o jesuita veio descortinar a natureza brasileira, de que se diziam maravilhas no velho mundo; e, sempre no seu programma de operarem na sombra, elles devassaram todos os segredos, farejaram todas as minas, inquiriam de todos os inesgotaveis thesouros espalhados pelo nosso solo e sub-solo; e de tudo elles informavam minuciosamente para Roma, ao seu geral, o terrivel *papa negro* que tinha, na cidade eterna, as suas cubiçosas vistas espalhadas por toda a terra.

Foi isso que trouxe o jesuita ao Brasil, paiz novo e desconhecido; foi isso que levou o jesuita ás mais remotas paragens do planeta. Para mascararem a sua tenebrosa empreitada e desviarem as attenções do povo, elles se mostravam solicitos pelos trabalhos do que elles chamavam a *catechese*...

Os flibusteiros hespanhoes, flamengos e francezes, que infestavam a nossa costa, para contrabandearem páo brasil, a cobiçada ibirapitanga, — tambem usava das artimanhas postas em pratica pelos jesuitas, com os quaes tinham as maiores affinidades, pois que simulavam os verdadeiros

fins com que vinham a estas paragens, allegando que se occupavam em viagens de *exploração!...*

A preoccupação dos jesuitas consistia em construirem os seus «collegios». Levantaram elles grandiosos edificios na Bahia, no Espirito Santo, em S. Vicente, em S. Paulo e no Rio de Janeiro, — sacudidos pela sua febre devoradora de se tornarem, por toda a parte grandes proprietarios.

Antes que puzessem em pratica os meios brandos, naturalmente aconselhados pela religião para attrahir os gentios, os jesuitas commetteram dispensaveis brutesas e crueldades contra os pobres selvagens. Assim foi que elles approvaram o deshumano procedimento de Pero de Góes, o mal-aventurado donatario da capitania de S. Thomé, o qual mandou fuzilar, á bocca de um canhão, dois indios que foram apontados como autores do ataque e morte de quatro colonos que, na Bahia, se havia internado no matto, no tempo de Thomé de Sousa!

Esse primeiro *ensaio do systema do terror*, diz Varnhagem, os proprios padres da Companhia, começando por Nobrega, julgavam, de boa fé, que *era o mais conveniente* para a sujeição dos adultos!

Que a catechese não foi feita pelos meios brandos e suasorios, mas sim pela violencia physica, prova-se pela simples leitura da correspondencia dos jesuitas. Nobrega escreveu a Thomé de Sousa (vide «Annaes do R. de J.» de Balthazar Lisboa), uma carta em que dizia: «Em mentes o gentio não for *senhoreado por guerra* e sugeito, como o fazem os castelhanos nas terras que conquistam, e no Paraguay fizeram, com muito pouca gente senhoreando o maior gentio que ha na terra... E se o deixam em sua liberdade e vontade, como é gente brutal, não se faz nada com elles, como por experiencia vimos todo esse tempo que com elles tratamos, com muito trabalho, sem delle tirarmos mais fructo que poucas almas innocentes que aos céos mandamos.»

De igual opinião (vide Porto Seguro, «Historia Geral do Brasil», era o jesuita Ruy Pereira, que applaudia Mem de Sá, governador, por haver deixado de seguir pseudo philantropias com os indios: «Agradou grandemente a esta conversão, *cair* o sr. governador na conta, e assentar que sem *temor* não se podia fazer fructo.»

Anchieta (Porto Seguro, «Ibidem») escrevia pouco depois que haviam projectado fazer a guerra aos indios contrarios: «para que pudessem viver com alguma paz e socego, e juntamente começassem a abrir algum caminho para se poder prégar o Evangelho, assim aos inimigos como a estes indios, sobre os quaes já temos sabido que *por temor se hão de converter mais que por amor.*»

Antonio Vieira, a Syrius do firmamento jesuita, e tão apregoado defensor dos barbaros, no dizer do pai da nossa historia, — escreveu do Pará, em carta datada de 14 de dezembro de 1655, dirigida ao secretario de Estado, Pedro Vieira da Silva, dizendo que André Vidal, a quem tece elogios, «ficava dispondo umas tropas, que hão de ir ao sertão, do que esperamos *primeiro a quietação e a paz, e depois uma grande conversão de almas.*»

Não foram, portanto, a musica e a dança somente, os meios empregados pelos jesuitas para attrahirem os selvagens ao gremio catholico, porquanto, si é verdade que Nobrega fez de Orpheu no meio das nossas salvas, e Azpilcusta Navarro dançou o *povacé* na taba dos pagés, não menos verdade é tambem que os chuços e os arcabuzes derramaram o terror e a morte entre a destimida caboclada.

Entretanto os pobres indios amavam tanto as cantorias, que pediam aos jesuitas para lhes bizarem, fóra das cerimonias, o seu horrisono cantochão, prova de que não eram tão endurecidos como os pintaram os jesuitas.

O fim que levava os padres a exaggerarem as insubmissões do selvagem, era encarecer o seu trabalho de *catechizadores*, pintando phantasticos perigos a que estariam expostos, — para mais se recommendarem ao apoio e protecção dos reis.

Prova-se a mansidão dos indios com o proprio testemunho dos jesuitas. Escrevia Ruy Pereira, padre da Companhia, em 1560: «Está a terra tão pacifica que não somente os brancos vão muitas leguas por ella dentro seguros, mas um indio daqui, indo por entre os contrarios, tornou sem lhe fazerem mal»

E' facto de todos sabido que a roupeta do jesuita exercia uma estranha fascinação nas tabas. Cunhambebe, o feroz corsario que dominava as costas do Rio de Janeiro e de S. Vicente, sendo implacavel inimigo dos portuguezes, acatou sempre os jesuitas fazendo lhes concessões, nos seus resgates. Esses factos e outros denotam que os comparsas de Loyola estavam bem seguros de que nada lhes succederia. Factos como o sacrificio do primeiro prelado, o bispo Sardinha, ás margens do rio S. Miguel, estão isolados nas paginas da historia patria.

Entretanto era preciso imperar pelo terror, abrir bréchas nas selvas com os falcões, as béstas, os berços e as azagaias.

Em carta dirigida a Thomé de Sousa, dizia Nobrega, em 1559, que as guerras havidas com a desavença entre Alvaro da Costa, filho do segundo governador geral, e o bispo Sardinha, «mais damno fizeram na terra que as *guerras que se fizeram com o gentio...*»

Nessa mesma carta, diz ainda Manuel da Nobrega: «E da guerra bem dada ou mal dada soube (Nosso Senhor) tirar esse *bem* que os indios ficassem sujeitos e medrosos e dispostos para agora receber o Evangelho e a doutrina de Christo.»

O mais serio revez soffrido pelos jesuitas, foi o aprisionamento e desbaratamento da frota em que vinham o governador nomeado, D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, o provincial Ignacio de Azevedo e mais 60 jesuitas. Não foi isso, porém, obra dos indigenas, mas sim dos consarios huguenotes Jacques Sore e João Capdevilla.

Os jesuitas fomentavam discordias por onde passavam; e bem conhecida é a luta que elles mantiveram com João Ramalho, por causa de rivalidades entre a povoação de Piratininga, que elles fundaram, e a villa de Santo André, de que era alcaide-mór o velho portuguez.

Os dois lados se constituiram belligerantes, até que Mem de Sá decidiu o pleito a favor dos jesuitas, ordenando a mudança da villa para onde estava o collegio dos padres. O governador foi levado a isso, diz Porto Seguro, pelas insinuações que lhe fizeram os jesuitas, pretextando maior segurança contra phantasiosos ataques dos selvagens!...

Entre governador e jesuitas ficou então decidido que se faria guerra aberta aos indigenas contrarios; e, para juntar a execução ao plano, foi logo preparada uma expedição que subiu o rio Tieté, e foi levar a guerra aos miseros caboclos, pacificamente internados no meio das suas florestas, no mais profundo dos nossos sertões,

Na Bahia já haviam sido tomadas eguaes medidas, e Anchieta, noticiando esse *grande* feito, escrevia dizendo: «Esperamos em Nosso Senhor, pois este é o remedio com que esta *brava* geração se quer... não tenhamos inveja aos da Bahia.»

A historia está, pois, cheia de exempios frisantes, que mostram a bonteza com que os padres da Companhia de Jesus trataram aquelles que se propunham *chamar* ao gremio da religião.

Em outro artigo citarei novos factos comprovantes da crueldade dos jesuitas.

Mucio da Paixão.

O Orfanato & C. no pelourinho

Inquerito que não apparece — Medo do fiasco? — O Estado subsidiando criminosos — Nós é que somos processados... — O padre Faustino é candidato — Palavras de animação.

E o inquerito da policia?

Sim o afamado, o tão apregoado inquerito da policia sobre o paradeiro de Idalina e a mystificação com que se apresentou Maria Magdalena como a pobre orfã, porque não foi ainda enviado ao juiz competente?

Nem os nossos leitores se recordarão de tal inquerito. Talvez mesmo a policia delle não se lembrará mais...

Pois procedamos á sua exhumação.

Quando Orestes Ristori e Edgard Leuenroth levaram ao conhecimento do juiz dos menores a denuncia do crime de que Idalina tinha sido victima, a policia, por determinação desse magistrado, abriu um inquerito, do qual foi encarregado o dr. Pinheiro e Prado.

Como se portou essa autoridade? que resultado deram as suas pesquisas?

E' o que vamos vêr.

Passados muitos dias após a denuncia, o inquerito foi iniciado com as declarações dos denunciantes, dos ex-alumnos do Orfanato que tinham fornecido as informações e de outras pessoas. Quando já era publico e notorio o inquerito, aberto em segredo de justiça, quando os padres, inteirados do que se passava, tinham tomado as suas providencias, é que o dr. Pinheiro foi ao Orfanato! E todas as deligencias foram assim concluidas.

As escavações feitas para a descoberta do corpo de Idalina é que foi de um comico irresistivel. A policia rodeou esse acto de um aparato carnavalesco para depois conseguir desenterrar... uma caveira de burro...

Foi uma bella fita...

E assim continuou o dr. Pinheiro. Passaram se os mezes. A agitação continuava cá fóra quando estoira o caso da mystificação.

Idalina, a procurada Idalina apparecera em S. Paulo, ali no n. 7 da rua Direita. Era ella em carne e osso. As alumnas do Orfanato reconheceram-na, os empregados tambem, o padre Faustino abraçou-a e o dr. Arthur Pinheiro e Prado lançou o auto de sua identificação.

Mas nós desmanchamos a festa. A Idalina da rua Direita não era a Idalina de Oliveira e sim a Maria Magdalena, filha do Custodio e da esqueletica Maria Luiza Belloni.

Tableau!... O castello derruiu-se e todo o mundo continuou a perguntar: Onde está Idalina?

Foi por essa occasião, que, em consequencia de um reboliço qualquer havido na policia, o dr. Pinheiro resolveu lançar á luz o seu aborto. Appareceu então a introducção do inquerito. A tarefa era ardua e demandava tempo para ser levada á cabo, por isso apparecia apenas uma parte das tres em que tinha sido devidida a peça policial.

A parte publicada e remettida á autoridade judiciaria é a que se refere ao crime commettido pelos padres. O dr. Pinheiro concluiu pela insubsistencia da accusação, pois «tinha ficado provado o rapto de Idalina pela tal Maria Luiza-Itala Fonte». Todo o relatorio basea-se no rapto de Idalina.

Nós destrinçamos immediatamente essa ridicula peça policial num longo artigo intitulado — *Autopsia de um relatorio.*

As outras duas partes ainda não appareceram. O dr. Pinheiro e Prado não resolveu até agora tornar conhecido o restante de sua obra prima.

Decididamente, o caso do Orfanato está destinado a patentear a incapacidade da policia, a sua absoluta incompetencia, assim como a escandalosa protecção que dispensa ao criminosos de alto coturno.

E' esta uma accusação mal fundada ou injusta? Não, pois ahi estão os acontecimentos a nos amparar fortemente.

O inquerito sobre um caso de tanta importancia não teve até agora a aventura de merecer o cuidado do activissimo delegado. E o incensado Secretario da Segurança Publica nem sequer se dignou dispensar-lhe a sua attenção.

Simplesmente vergonhoso!

Tambem não nos deve isso escandalizar. Depois do tremendo fiasco da primeira parte do tal inquerito, é natural que o dr. Pinheirinho receie apresentar os outros actos da *pochade...*

A primeira pateada atordoou-o...

E a mystificação? Quem a preparou? quem são os seus autores? O publico não precisa saber de tal coisa...

E o paradeiro de Idalina? que fizeram della os padres?

Ora... ora... Que tem o povo com isso?

E' assim que respondem os srs. da policia.

Que nos importa, entretanto, a protecção dispensada por ella aos padres criminosos, quando o povo já deu a sua sentença?

Quem não estará convencido de que a mystificação foi preparada pelos padres?

Não veiu agora a Justiça desmascarar os padres e a policia, que os defendeu com o relatorio do dr. Pinheiro, no qual elle *provou* o rapto de Idalina pela bella-feia, suja-limpa, branca-mulata Maria Luiza-Itala Fonte?

E quanto nos basta.

Da culpabilidade dos padres não resta já a menor duvida. E a policia defendendo-os defende a sua gente...

A nós, o povo cá de baixo, cabe o dever de não os poupar. E é por isso que, cerrando fileiras, aqui nos encontramos a cuspir-lhe na cara deslavada, exclamando como sempre:

ONDE ESTÁ IDALINA?

O Estado subsidia o Orfanato

Quando era mais intensa a agitação na primeira phase desta campanha, o governo do Estado, pelo seu orgam legislativo, composto de um bando de estropiados ratões de sacristia, reformou o subsidio concedido ao Orfanato, augmentando-o consideravelmente.

Foi como um desafio lançado aos liberaes pelos clericaes de batina e de casaca.

Quizeram os commendados da Igreja, empoleirados na governança do Estado, demonstrar o seu soberano despreso pelas reclamações partidas do publico, da ralé, da canalha desclassificada, segundo a sua aristocratica classificação, patenteando assim a sua incondicional solidariedade com os padres criminosos e toda a clericanalha que os defende.

E note-se que dias antes dessa resolução dos poderes do Estado havia o governo italiano, por indicação do seu consul em S. Paulo, suspendido o seu subsidio ao famigerado asylo!

Edificante!

Entretanto outra coisa não ha a esperar de semelhante gente.

Quando as repartições do Estado estão transformadas em antecamaras das confrarias religiosas e as sacristias se tornaram salas de despacho do governo, tal procedimento não pode deixar de ser de uma logica irrecusavel.

Estará proximo o dia em que havemos de ver D. Leopoldo a presidir a confraria legislativa da praça Dr. João Mendes...

Para lá caminhamos nós a passos agigantados.

Os politicos mais em evidencia figuram em todas as irmandades religiosas. Na lista dos encarregados da construcção da nova cathedral salientam-se as douradas firmas de graduados funccionarios que sobem em grau ascendente até sua rev. o presidente do Estado.

Que ha, portanto, de estranhavel no facto do Estado manter, consideravelmente augmentado, o subsidio a um orfanato clerical onde se maltrata, se martyriza, se estupra, se assassina a infancia?

E' que nos orfanatos só se abrigam os filhos do povo, da canalha, da ralé...

E o povo, a ralé, a canalha não defenderá os seus filhos?

Os nossos processos

Emquanto os padres estupradores e assassinos, dispondo da protecção escandalosa das autoridades, passeiam arrogantemente pela cidade, nós, que provamos os seus crimes, nós, a quem o Tribunal do Jury acaba de dar razão, estamos sendo processados e talvez tenhamos que ir occupar na prisão o lugar dos criminosos do Orfanato.

Pesam sobre nós tres processos, dois provocados pela policia e o que nos movem os padres do Orfanato.

Em consequencia das violencias commettidas pela policia no comicio do dia 12 de março do anno passado, foi instaurado contra nós o processo, de que nos livramos pela despronuncia. O sr. Washington, não se conformando com este acto de independencia do dr. Gastão de Mesquita, ordedou que o promotor recorresse da sentença. O Tribunal de Justiça reformou-a então, pronunciando o dr. Passos Cunha e Orestes Ristori como autores dos ferimentos leves de que foi victima um individuo no mencionado comicio.

Devem, pois, os nossos amigos ser julgados pelo Tribunal do Jury.

Não contente ainda com esse resultado, ordenou novamente o nosso Trepoff-mirim uma outra sentença do Tribunal. E nós cinco, os dois amigos já citados e José Romero, Alexandre Cerchiai e Edgard Leuenroth, foram pronunciados como incursos nos artigos que punem o ajuntamento illicito.

A primeira audiencia desse processo realizar-se-á na semana proxima.

Finalmente, o processo dos padres criminosos do Orfanato já correu os seus tramites legaes e encontra-se agora nas mãos do juiz, que deverá dar a sua sentença.

Seremos pronunciados ou não?

Veremos. Entretanto, se a sentença do julgamento de Maria Luiza ou Itala Fonte fosse outra, não hesitariamos em responder.

A candidatura do padre Faustino

O padre Faustino é candidato á presidencia do Estado. Sim, senhores, o padre Consoni em 1.º de maio será solennemente empossado no cargo de presidente de S. Paulo, para o qual será eleito por uma maioria esmagadora.

Não se riam porque é sério.

Nós levantamos a sua candidatura e havemos de sustenta-la até a victoria final, que vai ser estrondosa.

Para essa grande iniciativa pedimos o apoio de todos os anticlericaes.

Vamos ter uma excellente opportunidade de demonstrar a nossa força, a pujança do nosso partido. Pela eleição de 1º de março teremos occasião de mostrar que somos uma potencia.

No proximo numero entraremos em mais detalhes.

Entretanto, desde já gritamos: Anticlericaes, á postos! Suffraguemos o padre Faustino Consoni, o homem mais digno de acatamento, mais puro, mais honesto desta terra, para presidente do Estado!

Têm a palavra os nossos amigos.

Declarações de solidariedade

Desde o inicio desta campanha não nos tem faltado o apoio decidido dos nossos dedicados amigos, dos bons correligionarios e de todos os homens de consciencia emancipada.

Nos momentos em que a furia reaccionaria caia sobre nós, tivemo los ao nosso lado a ajudarnos, a sustentar a nossa obra ameaçada.

As demonstrações de solidariedade de que fomos alvo nos encheram ainda de maior enthusiasmo pela luta que estamos sustentando.

E agora, nesta nova phase desta batalha interminavel, de toda a parte já nos começam a chegar palavras de animação dos nossos companheiros de luta.

E para prova disso vamos começar hoje a registar aqui esses protestos animadores:

TELEGRAMMA:

«Villa Raffard, 30 — 1 — 912 — Felicito-vos por mais esse triumpho alcançado.—*J. Duarte Nunes.*»

CARTAS:

«Campinas, 29 — 1 — 912.— Felicitando-vos pelo triumpho alcançado, pergunto: Onde está Idalina? — *Angelo Soave.*»

—

«Porto Feliz, 29 — 1 — 912 — Dou os meus parabens pela victoria alcançada não só a essa digna redacção como aos srs. Benjamim Mota e Orestes Ristori, assim como a todos os que têm trabalhado pela descoberta do crime de que foi victima a pobre Idalina e de que são autores os santos ferozes do Orfanato Christovam Colombo.

O assassinato da infeliz orfã está mais que provado e esse crime não pode deixar de ser punido.

Se as autoridades competentes, agindo dentro da lei, não tratarem de punir os criminosos, é indispensavel que surja uma geral agitação para escorraçar toda essa corja que infelicita o nosso Brasil.

E' um vergonhoso escandalo o que se está passando. Sem a punição dos padres criminosos o Estado de S. Paulo não se póde considerar civilizado.

E' justo, pois, que continuemos a interrogar: Onde está Idalina? — *Antonio Viterbo de Oliveira.*»

Estamos fazendo uma larga distribuição da LANTERNA, *enviando-a a todas as pessoas que julgamos estarem de accordo com o seu programma.*

Consideraremos, portanto, como nossos assignantes todos aquelles que não devolverem o primeiro numero recebido.

Os bens de Ferrer

Como é sabido, o tribunal que condemnou Ferrer ordenou tambem a confiscação dos seus bens. Agora, depois da incessante agitação internacional que tem sido feita, parece que o conluio clerico-monarchico da Hespanha se resolveu abrir mãos dos cubiçados haveres do grande martyr.

Pelo menos é o que nos diz o telegramma seguinte:

MADRID, 28 — O Supremo Tribunal Militar deu sentença mandando que os bens moveis e immoveis de Francisco Ferrer, executado ha tempos, sejam restituidos a seus herdeiros legitimos.

Contra essa resolução protestou no senado um tal de Polo, que voltou a pedir a confiscação.

Fala-nos disso este outro despacho:

MADRID, 29 — Na sessão de hoje do senado, o sr. Manuel Polo y Peyrolon voltou a pedir ao governo a confiscação dos bens de Francisco Ferrer, o fundador da «Escola Moderna», a cujos herdeiros o tribunal militar os mandou entregar ha dias.

O sr. Celedonio Rodrigañez y Vallejo, ministro das finanças, respondendo ao sr. Polo y Peyrolon, declarou que o governo vai primeiro estudar minuciosamente a questão, para verificar se ha ou não conveniencia em confiscar os bens de Ferrer.

Esse sujeito deve pertencer a alguma confraria religiosa que desejava abocanhar os referidos bens.

Se for verdadeira a noticia da restituição, teremos dentro em breve reencetada a obra fecunda da Escola Moderna de Hespanha.

Jesuitismo agudo — cura se com duchas da Lanterna.

Portugal proletario

OS DESTINOS CONTRADITORIOS DE UM PALACIO HISTÓRICO — ONDE SE FORAM ANINHAR OS OPERARIOS SINDICALISTAS — DO ABSOLUTISMO AO FEDERALISMO LIVRE — ONDE SE VÊ A ACÇÃO DIRECTA DOS TRABALHADORES EM GRACIOSA CAMARADAGEM COM A MITOLOGIA E COM A HERÁLDICA! — UM BELO EXEMPLO DE INICIATIVA — SOBRE A GRANDE AGITAÇÃO ACTUAL.

Fui ha dias visitar o palacio do ilustre ministro de D. José, que fica ali na rua do Século. Para ruminar recordações historicas? Não, senhores: para ver as novas e magníficas instalações da União dos Sindicatos de Lisboa, das associações a ela afiliadas e de três jornais operarios que defendem essas sociedades e as tendencias que as orientam!

Os sindicalistas em casa do Marquês de Pombal! Quem o havia de supôr!

Os lutadores pela mais larga emancipação política e económica, os adeptos do federalismo economico, alojados no nobre palacio do engrandecedor da régia potestade! O mesmo tecto a abrigar tão opostos princípios e tão contraditorios interesses — com dois seculos de intervalo!...

Confesso que foi esta singular ironia do tempo que contribuiu para apressar a minha visita, não tendo podido aliás assistir á solene inauguração, na entrada do novo ano.

Subo a imponente escadaria nobre, em dois lanços, iluminada pomposamente a candelabros — de lampadas elétricas, porêm... Viva o progresso! No primeiro patamar, sobre uma estátua de Venus, a famosa maxima, em caracteres enormes: «A emancipação dos trabalhadores será obra dos mesmos trabalhadores». Gracioso, saboroso contraste!... Depois, no alto do segundo lanço, ha uma estátua de Hércules — agora certamente simbolizando o Hércules do do trabalho! — e à direita, ao lado de um brasão, a porta de entrada. E são, em dois andares, vastos salões para assembleias e conferencias, redacções, secretarias, o gabinete de leitura, o bufete, a escola. Das janelas traseiras avista-se a casaria amontoada e recortada de um dos bairros desta irregular Lisboa, com o Tejo a rebrilhar ao fundo; e dentro, bordando as salas, ha velhos azulejos com desenhos nobiliárquicos...

Os operarios percorrem as salas, sorridentes e satisfeitos. Sorriem à fina ironia do destino e estão satisfeitos pela vitoria consideravel do seu valente e rápido esfôrço — um verdadeiro prodígio de iniciativa para um meio tão pobre e para uma instituição tão nova!

Neno Vasco.

***

Noticiando a actual agitação do proletariado portuguez, a grande imprensa affirma que ella foi promovida de accordo com os reaccionarios.

E' uma infame calumnia.

Foram os trabalhadores que mais contribuiram para a implantação da republica, foram os operarios de ideias avançadas os mais destemidos combatentes da revolução que a proclamou.

As declarações dos seus jornaes são positivas no desmentido a essa affirmação calumniosa. «Nós, que combatemos pela derrocada da monarchia clerical não permittiremos na sua restauração» — disseram sempre os trabalhadores.

E os nossos leitores disso se convencerão quando aqui estamparmos essas declarações.

Protestamos, pois, da nossa parte contra essa calumnia miseravel atirada a quem está distante.

Aos assignantes da S. Paulo

O nosso companheiro E. Reinoso está procedendo á cobrança das assignaturas da Capital.

Chamando a attenção dos amigos de S. Paulo para as grandes difficuldades que offerece esse trabalho numa grande cidade pedimos-lhes que procurem poupar-lhe as viagens inuteis, deixando em casa a importancia de suas assignaturas os que não possam ser encontrados com facilidade.



Uma pomposa manifestação clerical — Vivas equivocos a D. Manuel e protestos inequivocos do povo — Os funcionarios devem fidelidade ao regime, diz um deputado — A Camara confia no govêrno — Manifestação engrandecida ou medo ás responsabilidades? — Os pequenos continuam a rejubilar com o castigo dos grandes — Um terrivel ultimatum *em perspectiva — De que modo se teme o proximo rompimento de hostilidades — Apela-se para a praça e projecta-se uma grandiosa manifestação anticlerical — O voto de todos os inimigos da Igreja.*

LISBOA, 7 DE JANEIRO

Não se pode ainda largar a questão dos bispos e das cultuais, a qual, se não chegou a um periodo agudo, atravessa entretanto um momento de acentuada vivacidade.

No dia de anno bom, alguns priores da capital e o cabido da sé foram ao paço patriarcal de S. Vicente ler uma mensagem de acatamento e simpatia ao patriarca, que dois dias depois devia tomar o caminho do exílio... num distrito proximo. A' recepção soléne do dia, quasi á mesma hora em que o presidente da Republica também recebia solenes homenagens, concorreram alguns funcionarios publicos, professores, oficiaes do exército e da marinha, entre êles alguns generais e um vice-almirante, juizes, etc., além da fina flor do clericalismo privado, se assim posso exprimir-me.

Ouvindo dentro vivas anti-republicanos a Paiva Couceiro e a D. Manuel (o secretario do patriarca afirma agora que só os houve a D. Manuel... Vieira de Matos, bispo da Guarda, um dos punidos), o elemento popular, que se acumulara na rua, irrompeu pelos claustros, saudando ruidosamente a Republica e abafando as vozes clericais, apesar da rude oposição policial.

No parlamento, um deputado, interpelando o governo sobre o caso, pedia a demissão, com pêrda de vencimentos, de todos os funcionarios que haviam tomado parte naquela manifestação de evidente caracter político, significando um protesto contra uma determinação ministerial e contra uma lei da Republica. Podiam os clericais manifestar o seu afecto ao patriarca, no uso de um direito: mas que funcionarios publicos, e até oficiaes fardados, vão ostensiva e colectivamente mostrar os seus sentimentos hostís para com as leis e o regime, isso nenhum Estadc constituido o pode consentir. Doutrina manifestamente lógica...

A camara, não acedendo inteiramente aos desejos do deputado, confiou todavia no govêrno para a adopção das medidas apropriadas.

Os funcionarios manifestantes foram pois chamados á contas pelos seus ministerios respectívos. Alguns foram convidados a públicas declarações pela imprensa.

E assiste-se a um gracioso espectaculo. Um diario clerical e legitimista publicara uma longa lista de manifestantes. Alguns particulares desmentiram logo nos jornais que tivessem estado no paço patriarcal: um é anticlerical e nunca sonhou em ir lá; outro estava numa terra distante da provincia. Quanto aos funcionarios, uns não estiveram lá; outros foram dias ou horas antes, praticando um simples acto de cortesia ou de velha amizade; outros mandaram apenas cartões, como em anos anteriores; outros foram, como em iguais datas passadas, sem saber que havia manifestação. O jornal clerical aproveitára tudo. E triumfara jubilosamente:

«Foi um vibrante protesto contra a inqualificavel afronta feita ao chefe da igreja lisbonense.»

«Ninguem, absolutamente ninguem, conseguirá minorar o alto significado desta brilhante manifestação que teve, para que o ocultarmos, valor dum veemente pro testo.»

Protesto contra o regime?

Não! — respondem dois oficiaes de marinha, os mais ousados até hoje, — apenas respeito e dedicação á religião católica e ao patriarca, mágoa e tristeza pela penalidade imposta.

Não! — acode ainda, no seu depoimento no govêrno civil, o secretario do patriarcado, cónego Pontes, em cúja opinião, muitas das pessoas que foram ali o fizeram apenas por mero dever de cortesia, e outras impulsionadas, não por demonstração de protesto contra o regime, mas por um dever de solidariedade para com o seu prelado.

Ou medo às responsabilidades, muito acentuado no alto funcionalismo e na alta roda, ou exploração de clericais, exagerando os factos para as conveniencias do seu prestígio, ou um pouco de ambas as coisas, a famosa manifestação vai perdendo muito do seu brilho.

Em todo caso, se de tudo isto não advir punição alguma para graúdos e graduados, os elementos populares urbanos, sem os quais qualquer regime está à mercê do mais ligeiro golpe e da primeira aventura, não ficarão certamente satisfeitos, ganhando mais terreno a ideia já admitida de ser a «justiça» dura apenas com os pequenos...

Nesta questão dos quatro mitrados punidos — são já quatro, visto ter o bispo do Algarve seguido o exemplo dos outros três — o povo está sinceramente contente, primeiro porque, sendo inimigo dos padres, aplaude qualquer especie de anticlericalismo, sem olhar a métodos e processos nem discutir teorias; segundo, porque vê a «justiça», embora enluvada e cheia de atenções, cair, ou antes pousar levemente sobre os ombros altivos de elevadas personagens. Vê-se assim com satisfação íntima e regalado júbilo um ministro «de pulso» «dar-lhes para baixo».

— Naqueles, sim, é que é dar-lhes!

Era o espirito que animava ontem os comentarios feitos pelos grupos postados diante dos *placards* dos jornais ao telegrama chegado à noite de Paris:

PARIS, 6 — O *Matin* insere um telegrama de Turim, dizendo que o Vaticano enviou ao presidente da Republica Portuguesa um *ultimatum*, em que pede seja revogado no mais curto prazo, o decreto de expulsão dos bispos, declarando que, no caso de recusa, fará retirar de Lisboa o seu representante diplomatico.

E' de prever que as relações entre o Vaticano e o governo português sejam quebradas, porque, certamente, Portugal não anuirá ao *ultimatum*. — S.

— Era o que faltava! exclamava-se. Largar os bispos! Aquêles é que merecem mais! E ainda é pouco! Olha a grande perca, se nos tiram o nuncio! Que vá... que vá... e quanto antes! Acaba-se tambem com a legação junto do Vaticano — aquêle escandalo! E' tudo ganho!

E ria-se gostosamente do caso, faziam-se pilhérias sobre o *ultimatum*...

Ha mesmo uma certa efervescencia e tudo faz prever o exito grandioso da proxima manifestação projectada pela Associação do Registo Civil, como réplica à parada de S. Vicente...

No Porto, as comissões republicanas tomaram igual decisão e outras localidades secundarão este desdobramento de forças liberais.

Que a proxima manifestação seja, como é de esperar, uma imponente afirmação de forças anticlericais — eis sem duvida o sincero desejo de todos os inimigos da Igreja, quaisquer que sejam as reservas feitas sobre determinados pontos da lei de separação e sobre a atitude do Estado.

Neno Vasco

No Rio e na Central

O nosso companheiro José Romero embarca amanhã para proceder a cobrança das assignaturas da linha Central e do Rio.

Os amigos da *Lanterna* de todas as cidades da Central e da capital da Republica prestar-lhe-ão um auxilio contribuindo para que essa viagem seja o mais rapida possivel, pois dentro de breves dias terá de ser iniciada a cobrança da linha Mogyana.

Um faustino... anticlerical

Os nossos leitores devem estar lembrados de um facto escandaloso noticiado pelos jornaes e de que foi protagonista um anticlerical conhecido e em tempos director de um rico diario anticlerical de Paris.

Como esperavamos, os clericaes serviram-se delle com a ancia do naufrago que se agarra á taboa salvadora.

As folhunculas de sacristia daqui puzeram-se a berrar como doidas, procurando confundir-nos e prejudicar-nos perante o publico.

Para demonstrar a essa canalha que não tememos a verdade, aqui relatamos o caso:

Em 11 de janeiro, Victor Flachon, ex-director de *La Lanterne*, de Paris, foi condemnado a um anno de prisão e 500 francos de multa pelo crime de corrupção de menores.

Eis alguns dos considerandos da sentença:

«Considerando que foi estabelecido que Flachon pagava directa ou indirectamente ás proxenetas para estas lhe entregarem raparigas menores, que elle fazia servir habitualmente para os seus prazeres e assistir igualmente ao espectaculo dos seus amores com Georgette Véron (sua amante);

«Que, como elle aliás o reconhece, empregou varias vezes, em actos de devassidão, Georgina Erni, de 13 annos; Maria Luiza Leclerc, de 14 annos, Bridard, de 16 annos, e Marcela George, menor de 21 annos;

«Que teve não só relações com Georgina Erni e Maria Luiza Leclerc, e em presença de sua amante, no seu aposento da rua Baudin, mas em Boulouris, para onde levara essas menores em julho e novembro de 1911;

«Que para com cada uma dessas menores que tomaram parte em scenas de devassidão, Flachon desempenhou successivamente o papel de agente de corrupção e por consequencia contribuiu para augmentar o seu grau de depravação e de desmoralização.»

(Este considerando refere-se ao facto de estarem já corrompidas, antes de conhecerem Flachon, as quatro menores acima referidas).

Naturalmente, este homem não tinha feito voto de castidade e não fingia considerar como sagrada e digna de guarda essa virtude antinatural; e o que elle censurava aos padres era sem duvida esse voto hypocrita e absurdo. Nem elle decerto suppunha que os padres são, como homens, peores do que os outros, que os leigos não são feitos da mesma carne fraca e miseravel... Apenas dizia, como nós dizemos, que os padres são precisamente como os demais homens, sujeitos ás mesmas necessidades e ás mesmas determinações e que, longe de os livrar de fraquezas o «sagrado» do seu ministerio, a sua abstinencia, o seu insulamento, as suas exacerbações mysticas, o contacto com menores em quarteis collegios, facilitam as quédas...

E depois de tudo ha a circumstancia attenuante, allegada por Flachon, da corrupção anterior das menores de que se serviu.

Todavia, este homem não tinha sufficiente autoridade moral para verberar as immoralidades clericaes — e a superioridade antisectaria dos livres-pensadores sobre os clericaes está em não encobrirem, como estes, por solidariedade de mercadores, as vergonhas e infamias dos correligionarios.

E dessa independencia tem a *Lanterna* dado sobejas provas.

Não nos solidarizamos com criminosos, embora tenham sustentado a mesma luta que nós.

Os inconsequentes, os immoraes não têm lugar nas nossas fileiras.

Nós os arredamos para bem longe e temos a necessaria independencia para aponta-los ao desprezo publico.

Vós, sim, ó pustulas sociaes, é pue defendeis os satyros, os immoraes, os criminosos que abundam no vosso seio.

Exemplos? Temo-los aos milhares.

Quando um padre commette um crime e é denunciado ao publico, vós todos, como um só corpo, vos collocaes ao seu lado, declarando-vos com elle solidario.

Haja vista o caso Idalina. Toda a clericanalha se collocou á frente dos padres criminosos, defendendo-os com furia.

Nós não temos nada de commum com criminosos.

Esse Flachon devasso pertence vos, é no vosso meio o seu lugar. Esse typo repellente é filho do meio podre em que vive, faz parte da classe decadente e gasta que defendeis.

Nós pertencemos ao povo, ao povo maltrapilho de onde são arrancadas as pobres crianças para as vossas devassidões.

Esse Flachon é vosso. Nós o denunciamos ao povo.

E ahi está a devida resposta á *Gazeta do Povo* e á uma *Estrella Polar* que se publica em Diamantina e que está defendendo o immundo satyro de S. Sebastião dos Correntes, o celebre padre Pedro Gomes Heredia.

Está no seu papel...

Biblia vermelha

Muita virtude é na verdade preciso ter para não ser devoto. Pois quê! A devoção abre todas as portas deste mundo, e a do céu ainda por cima.

Sinto verdadeira tentação de crer na graça. Sim, é necessario um favor muito particular do céu para aceitar os dogmas, os mysterios e outras tolices! E' preciso que Deus se intrometta nisso, porque o homem sózinho não o conseguiria. Não se tem direito algum de nos querer mal por isso, pois nós, os livres pensadores, não somos illuminados pela luz divina. Não é natural que, entregues a nós proprios, nos revoltemos contra o absurdo?

Luisa Ackermann.

* *
*

Para muita gente, basta que uma coisa tenha «durado» para ser considerada viavel e digna de crédito. Assim como a sua vista se afez a uma moda inepta, assim o seu espirito se acclimatou muito bem a certas concepções estupidas, e assim como lhe pareceria bizarro abandonar o chapeu grotesco com que se cobre por outro mais esthético, assim não se lembraria de sacudir o jugo de algumas velhas rotinas para se render a ideias novas e mais bem adaptadas. Se essa gente vos perguntar o «porquê» de certa instituição, respondei-lhe apenas que «as coisas se passam daquella forma porque sempre assim se passaram» e este argumento ridiculo parecer-lhe-á mais convincente do que todas as razões que poderíeis invocar.

G. Dromard.

HOSTIAS AMARGAS

ROMA, 19 — O correspondente da *Tribuna* telegrapha de Tripoli dizendo que o caso ultimamente ali occorrido do baptismo imposto a uma criança arabe causara geralmente pessima impressão e que o commando superior havia dado ordens terminantes no sentido de evitar a repetição de semelhante abuso dos padres. As instrucções expedidas recommendavam todo o acatamento ao credo religioso dos indigenas, de conformidade com as declarações do governo italiano.

Eis ahi a missão do elemento clerical na guerra turco-italiana.

Não contentes com insufflarem o governo da Italia contra os pobres musulmanos da Tripolitania e da Cyrinaica, dando um falso aspecto de obra de civilização a uma aggressão injusta, que é uma offensa irrogada á consciencia pacifica da humanidade, os padres, ainda por cima, commettem a infamia de obrigar fracas e indefesas crianças a renegar a religião dos seus pais, submettendo-as ás ridiculas, repugnantes e anti-hygienicas cerimonias do baptismo catholico.

E, no emtanto, não ha negar: sob o ponto de vista scientifico, é mil vezes mais util a um menino a pratica da circumcisão que Mahomet adoptara no seu Alcorão do que a infusão sobre a sua cabeça de certa quantidade de uma agua saturada de todos os microbios pathogenicos e a uncção feita nas suas narinas e nas suas orelhas com uma saliva immunda, acompanhada da palavra cabalistica — *Ephpheta*...

Dizem os pseudo-ministros de Christo que sem o baptismo ninguem entra no reino dos céus. E é naturalmente com o empenho de abrir de par em par as portas do paraiso ás crianças arabes que os padres italianos andam por lá a baptisa-los á força.

Mas ha uma cousa que elles deviam tomar em consideração: é que tambem os musulmanos têm o seu paraiso incomparavelmente mais bello, mais poetico e mais attrahente do que o dos christãos, onde as almas ficam bestificadas numa contemplação sempiterna e tediosa da divindade. O eden de Mahomet é povoado de formosas *huris*, ás quaes incumbe proporcionar todos os gosos ás almas eleitas.

Ora, assim sendo, com que direito querem os padres que os filhos do Crescente troquem pelo de Jehovah o seu paraiso, que lhes offerece uma bemaventurança cheia de encantos que no outro são completamente desconhecidos?

Elles dirão que agem *ad majorem Dei gloriam*, arrebanhando adeptos, fazendo violentamente proselytos, para a seita papista.

Hypocritas! Confessai, sem ambages, que, como bem o disse o insigne educador da mocidade dr. Abilio Cesar Borges, vós apenas e tão sómente trabalhais *ad majorem mei gloriam*...

* *
*

ROMA, 22 — A rainha Helena foi convidada para ser a madrinha da princeza allemã recem-nascida, filha do Kronprinz.

O convite foi feito pelo proprio herdeiro do throno allemão.

E lá se vai para Berlim, afim de ser madrinha de um neto do poderoso Kaiser, a rainha Helena da Italia.

Sempre desejavamos, porém, uma explicação.

Com o espirito de tolerancia que lhe é peculiar, a Igreja estabelece que todo o crente que funccionar em um acto publico de outro qualquer culto, fica excommungado.

Sabido como é que toda a familia imperial da Allemanha é protestante, temos que a rainha Helena, catholica que se fez, quando foi de seu casamento com o actual soberano da Italia, terá de paranymphar uma criança, á qual vai ser administrado o baptismo segundo o rito duma seita protestante.

Terá a rainha da Italia de, por esse facto, arcar com mais excommnnhão, alem daquella de que já participa como membro que é da casa de Saboya?

Talvez não, porque si a Igreja se mostra intransigente ao ultimo ponto com os fracos e com os humildes, em se tratando dos grandes e dos poderosos ella está sempre disposta a provar e a demonstrar que *il y a des accommodiments avec le cl...*

Ignoto

Vida operaria

EM S. PAULO

Os pedreiros — Teve lugar no sabbado á noite a annunciada reunião de pedreiros e serventes que trabalham por dia.

Foram tomadas diversas deliberações sobre a installação definitiva da associação da classe e os melhores meios de trazer para o seu seio os que ainda não estão a ella afiliados.

EM RIO PRETO

Como ha pouco tempo noticiamos em correspondencia, fundou-se em S. José do Rio Preto, neste Estado, a Liga Operaria Internacional, que tem por fim a defesa dos interesses economicos e moraes da classe trabalhadora da zona a que aquella cidade pertence.

A sua fundação foi recebida com enthusiasmo, sendo já avultado o numero de seus associados.

Essa util associação, que já tem os seus estatutos approvados e a sua commissão administrativa em funcção, deseja entrar em relações de solidariedade com as suas congeres do Brasil.

EM RIBEIRÃO PRETO

Os padeiros — A sacrificada classe dos trabalhadores em padarias desta cidade está fazendo uma agitação contra o brutal trabalho nocturno.

Em publicações feitas num diario local, os padeiros têm demonstrado os males que lhes occasiona o serviço da noite sem que com elle seja beneficiado o publico.

Nessas mesmas publicações mostram elles que o fabrico do pão poderá ser feito de dia, ganhando ainda os consumidores com isso.

Prestamos todo o nosso apoio a tão justa reclamação.

EM E. S. DO PINHAL

A Liga Operaria desta cidade parece entrar agora em um periodo de actividade.

A sua séde é agora bastante frequentada, discutindo-se já com interesse sobre a conquista da jornada de 8 horas.

Já entrou em funcção a nova commissão administrativa.

«A LANTERNA»

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO MONTEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 166.

Na rua S. Caetano, 230.

Aos nossos assignantes

Afim de nos poupar um grande trabalho, pedimos aos nossos assignantes que transfiram de residencia, nos communiquem a primitiva residencia.

Um bom premio da "Lanterna"

Tambem a LANTERNA *vai distribuir um bom premio aos seus assignantes.*

A começar desta data e até fevereiro proximo vindouro, todos os assignantes que nos mandarem pagar, directamente á nossa redacção ou por meio de vale postal ou carta registada, a importancia de uma assignatura annual do nosso jornal, receberão um premio pela volta do Correio. Este premio poderá ser escolhido dentre as seguintes collecções de livros e folhetos:

"Breviario" livro de versos lyricos de Raymundo Reis, a sair neste mez	2$000

"Jesus Christo nunca existiu", de Emilio Bossi (Milesbo)	800
"Evangelho da Hora", de Paulo Bertheloth . .	200
la "Educação e pelo trabalho", de Adelino de Pinho	200
"Catecismo Atheu", de Brito Bethencourt . .	200
"Noções de Sociologia", de José Lopes Montenegro	100
	1$500

"Electra", drama em 5 actos, de B. Perés Galdos,	1$000
"Catecismo Atheu", de Brito Bethencourt . .	200
Pela "Educação e pelo trabalho", de Adelino de Pinho	200
"Noções de Sociologia", de José Lopez Montenegro	100
	1$500

"Angelo Longaretti", o il delito sociale (romanzo di una Donna), cuja importancia distina-se á Escola Moderna	1$500

"Poema Transcendente", do professor Saturnino Barbosa, vendido em beneficio da Escola Moderna	1$000
Pela "Educação e pelo trabalho", de Adelino de Pinho	200
"Catecismo Atheu", de Brito Bethencourt . . .	200
"Noções de Sociologia", de José Lopes Montenegro	100
	1$500

Uma collecção de folhetos em hespanhol da lista da Bibliotheca dos Apostolado de la Verdad, annunciado em outro lugar .	1$600

Uma collecção dos folhetos em francez annunciados na lista da nossa bibliotheca, na importancia de	1$500
Um retrato de José Nakens, director de *El Motin* .	1$500

Como os nossos assignantes vêem, os premios que offerecemos attingem á importancia de 1$500 e alguns a mais, que, com o porte e o registo do Correio, chega a 2$000.

O "BREVIARIO"

Não foi possivel á typographia dos srs. Pocai & Weiss entregar no praso marcado, 31 de janeiro, o livro de Raymundo Reis, que confecciona. Determinou essa irregularidade o facto de haver ella perdido alguns dias com a mudança de suas officinas para a rua de S. João, 280 e, como é sabido, não poder fazer um livro de versos, que sequer mais cuidado de confecção, com a mesma presteza com que faz um jornal ou um folheto qualquer.

Os nossos leitores, que aguardam o BREVIARIO, que desculpem mais essa demora, que todavia vem concorrer para que o livro de Raymundo Reis mais lhes agrade.

Pessoas que subscreveram na lista de assignaturas em favor do *Breviario* (Lista a cargo do sr. Olympio Moreira, Taboleiro Grande, Minas):

Annibal Mascarenha, João Ildefonso, Manoel J. Ribeiro, Cel. José Jorge Mascarenha, Laudonio de A. Guimarães, Bernardo P. Mascarenha, José C. Diniz, Mario de Mascarenha, Rondolpho Canabrava, José Theodoro, Affonso Braga, José Antonio da Silva, João M. de Freitas, Quintino Moreira da Silva, Christiano Corrêa, Domingos M. da Silva, Argemiro F. de Menezes, Joaquim M. Nebbo, Alvaro M. da Silva, José Mauricio Simões, dr. Ulysses Mascarenha, Josias Mascarenha, Ernesto Octaviano, Aureliano Silveira, João Andrade, Jorge Mascarenha, dr. Francisco Carvalho, José A. da Silva, Francisco de A. Guimarães, Olympio Moreira.

(Continúa).



Pequenos écos

Silvio Bianchi — Fomos domingo á tarde brutalmente feridos com a noticia da morte desastrosa desse nosso pequenino amigo.

Tendo ido banhar-se em um rio do Cambucy, lá perdeu a vida que apenas começava a desabrochar.

Era um menino vivo e intelligente. Com os seus quatorze annos de idade já o tinhamos como um decidido partidario da nossa causa.

Ao vê-lo alegre, saltitante, a dar vivas e morras á frente das nossas manifestações, vinha-nos á memoria a figura heroica do Gavroche de Victor Hugo.

Como o pequenino personagem dos *Miseraveis*, era rebelde á tyrannia dos grandes e enthusiasta pela causa do povo.

As nossas reuniões tinham nelle um dos melhores preparadores. Apanhava os boletins e manifestos que havia e saía pelas ruas a distribui-los com ancia.

A *Lanterna* e a *Battaglia* tiveram, tambem no pequeno Silvio um decidido amigo. Saía por essas ruas, depois do trabalho da officina, a apregoa-las em estridentes gritos e a offerece-las irreverentemente aos gordos burguezes e aos pançudos reverendos

Pobre amiguinho!

Ao Alfredo Ovidi e sua companheira Maria Bianchi, seus desolados pais, as nossas sinceras condolencias

Novo livro — O professor Saturnino Barbosa, autor do *Poema transcendente* e da *Morte de Deus*, de recente publicação, acaba de entregar á Livraria Magalhães, que o vai editar, o seu novo livro *Ensaios de critica racionalista*.

Ao nosso bravo correligionario enviamos os nossos parabens.

NUCLEOS DA VANGUARDA

NO RIO

Grupo Dramatico 13 de Outubro — Composto por um nucleo de bons companheiros de luta, está sendo organizada no Rio uma sociedade com este titulo e que se dedicará ao desenvolvimento da propaganda anticlerical e libertaria por meio de representações, conferencias, escursões, festas, etc.

EM S. PAULO

C. de E. S. Conquista do Porvir — Realizou-se no domingo, conforme fôra annunciado, a segunda palestra de propaganda sobre a questão social que este circulo está promovendo.

Falou o companheiro Angelo Scala em substituição a Julio Sorelli, que não pode comparecer.

Amanhã realizar-se-á a terceira palestra, que começará ás 2 e 1/2 da tarde.

A séde do circulo está no n. 25 da rua S. Domingos, na Bella Vista.

Grupo Libertario Guerra Social — Este grupo reune-se para tratar de assumptos de importancia na proxima quarta-feira, ás 7 e 1/2 da noite, no lugar do costume.

Bilhetes e recados

Palmeiras — A. Agottani: Por intermedio da *Battaglia*, recebemos os 10$ de sua assignatura. Remettemos o premio. Saudações.

Boa Vista das Pedras — A. Orlando: Não ha aqui nenhum dos livros que desejas. Saudações.

Rio — J. Gonzalez: Recebemos os 20$. Sobre o mais conversarás com o Romero ahi.

S. Carlos — V. Rabello: Já transmitimos o seu pedido aos grupos Aurora e Libertas (Rua Rubino de Oliveira 28, S. Paulo). que têm á venda o livro indicado. Saudações.

Capivary — A. Bisso: Foi attendida a sua recommendação. Transmitimos o recado á *Guerra Social*.

Victoria — J. Comesanha: Remettemos pacotes para a propaganda ahi. Saudações dos amigos.

Rio — Santos Barbosa: Registamos o novo endereço. Excellentes as iniciativas que vão pôr em pratica. Saudações.

Campinas — A. Soave: Recebemos a importancia de sua assignatura annual. O *Breviario* irá logo que sair do prelo. Saúde!

Torrinha — A. S. Magalhães: Agradecemos o seu valioso offerecimento. Escreveremos. Saudações.

Capital — M. F. Costa: O premio é offerecido aos assignantes que pagam as suas assignaturas directamente, poupando-nos as despesas de viagem e a porcentagem do cobrador. Saudações.

Campinas — J Fonseca: Recebemos os 10$ de sua assignatura. Seguiu o recibo com a nota pedida. Saudações.

S. Paulo — Constante leitor: Recebemos o retalho. Agradecidos.

Ribeirão Preto — J. R. d'Oliveira: Chegou tarde para o n. passado.

Guanhães — A. A. B.: Ainda não tive o praser de me corresponder directamente com o amigo indicado. A tal carta existe só no bestunto do carola que disse tal coisa. Saudações.

Uberabinha — F. de P. F. Pinto: Recebemos os 10$ para a sua assignatura e 2$ de donativo. Agradecidos. Oxalá todos fizessem o que estivesse ao seu alcance. Saudações.

Campos — Mucio da Paixão: Tambem sentimo-nos satisfeitos por vêr que a nossa causa vai ganhando novos elementos de combate. Saudações.

Rio — Julio Dinis: Fizemos a transferencia do endereço. Poderá encontrar os amigos dahi na séde da Federação Operaria, rua General Camara, 335, ou na redacção da *Guerra Social*, que será annunciada no seu n. de hoje. Saudações.

Rio — Augusto Altro: Recebi tua carta E' como dizes: não soffreu abalo nenhum. Escreverei. Saudações aos de casa. Saúde!

Buenos Aires — Ivan: Porque não escreves? Foi recebido ahi o dinheiro? Communique-me o que combinaste com os camaradas da *Francisco Ferrer*, que não tenho recebido. O jornal tem sido sempre remettido. Que numeros faltam? Saudações aos amigos.

Bebedouro — P. Canevasse: Remettemos a medalha.

Batataes — Cap. J. P. Sebastião: O jornal foi enviado pontualmente aos dois endereços que nos deu. Ainda esta semana foi expedido.

Rio — Jango: Vamos indo como sabes. A criançada esteve bastante mal, mais já arribou. Bem haja esse despertar. Saudações de todos.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.

Limeira, com o sr. José D'Urso.

Florianopolis, com o sr Valentim Farinhas, rua Republica, 4,

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr Braz Lauria.

Na rua do Senado, 63.

Avenida Passos, 120 (engraxate).

Rua Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Leonardo Bettino.

Rua da Saude, 221, com o sr. João Perrotta.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Largo de Santo Cristo, com o sr. Antonio Fittipaldi.

Estação Central, com o sr. Raphael Mauro.

Largo da Lapa, 112 com o sr. Januario Cascardi.

Rua 1º de Março — Agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario (exgraxate).

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, (egraxate).

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Avenida Central, no edificio do Lloyd (engraxate).

Rua Souza Franco, 68, com o sr. Sperduto — V. Izabel.

Largo dos Leões, com o sr. Natan Carelli

Rua Uruguayana, 202, com M. J. Pereira.

Novo postal

Um companheiro mandou vir e entregou-nos para serem vendidos em beneficio da Escola Moderna, algumas dezenas do bello postal *Montjuich*, reproducção do extraordinario quadro de Firmin Sagristá — *Ultima visão*.

Está á venda em nossa redacção, a 100 réis.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

M. Gorki, *Os amassadores* . . .	$200
A de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho*	$200
H. Malatesta, *Programma socialista anarquista-revolucionario* . . .	$100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anárquico*	$100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) . . .	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* . .	2$000
Jesus Christo nunca existiu, Bossi,	$800
Religião e Evolução, E. Haeckel .	1$500
Sociologia Fundamental, Benteo .	5$000
Dôr Universal, Faure	1$500
Brito Bethencourt, *Catecismo Atheu*	$200

EM HESPANHOL

J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*	$100
M. Devaldés, *Malthusianismo y Neo-Malthusianismo*	$100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
André Girard, *Educación y Autoridad Prternal*	$100

EM ITALIANO

Dottor Nicoló Converti, *Che cosa é il Socialismo*	$100
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti*	1$500
Almacco Libertario illustrado 1909	$300

EM FRANCEZ

Les Prisons, Pierre Kropotkine, .	$300
L'Esprit de Révolte " . . .	$200
René Chaughi, *La Femme Esclave*	$100
Jean Grave, *Léntente pour l'action*	$200
E'lisée Reclus, *Amon Frére le Paysan*	$200
Jean Grave, *Si j'avais á parler aux Electeurs*	$100
Charles Albert, *Patrie, Guerre, Caserne*	$200
Elisée Reclus, *E'volution e Révolution*	$200
A. Girard, *L'Enfer Militaire* . .	$300
Urbain Gohier, *Aux Femmes* . .	$100
E. Malatesta, *Entre Paysans* . .	$300
M. Nettlau, *La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvriére*	$200

⁂

Só podemos attender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda.

São vendidas ao preço de 1$000 pagando mais 200 registrada pelo correio.

FOLHETIM DA LANTERNA

(35) JOSÉ RIZAL

Noli me tangere

(O Paiz dos frades)

Romance tagalo de 1886

(Especialmente traduzido para *A Lanterna*)

XXVII

A CATASTROPHE

teve então sensações indiziveis. Atravessou mares de esmeralda e contemplou do tombadilho do vapor paises de sonho. Experimentou então a impressão dulcíssima do passarinho que pela vez primeira estende as asas e se perde no ar azul. O espectaculo do mundo augmentou-lhe a bondade ingenita. Desdobraram-se-lhe diante dos olhos novos e amplos horizontes. Ao principio sentiu-se deslumbrado... Durante a longa travessia do vapor que o conduzia á Europa, passava as noites inteiras sentado na coberta contemplando os astros e a esteira phosphorecente que o galhardo navio deixava atrás de si. Pensava então como todos os jovens namorados, e embora o seu espirito trasbordasse de infinita alegria, comprazia-se nas ideias ternas e melancolicas. E via nos raios da lua dobras de fluctuantes roupagens que lhe recordavam os vaporosos laços com que se adornava a filha do capitão Tiago. E dos seus olhos brotavam lagrimas dulcissimas semelhantes a um rocio primaveril!...

A civilização europeia tinha-o fascinado ao principio. As grandes avenidas arborizadas, os magnificos *squares* e os suberbos edificios fizeram-no pensar com tristeza na humilde e primitiva aldeola de bambús e nipa onde se criara e nas vetustas e gretadas muralhas de Manila. Mas o que mais o surprehendeu foi a consideração e o respeito com que o tratavam em todos os lugares, contrastando singularmente com as humilhações infligidas a cada passo aos mestiços de rosto bronzeado pelos hespanhoes das Filippinas. Não tardou, porém, a descobrir o segredo. Na Europa já não havia preoccupações, nem crenças, nem pureza de sangue, nem distincção de linhagens. Só se adorava um deus e este era o bezerro de oiro. As considerações e respeitos que tributavam não eram para elle, mas para o seu dinheiro. Em todo caso sentia-se lisonjeado e considerava-se feliz muitas vezes vendo que por um punhado de moedas era humildemente servido pelos brancos tão orgulhosos e despoticos nos paises conquistados. Mas á medida que decorria o tempo mudava de pensar e experimentava uma piedade immensa pelos pobres povos europeus nos quaes, apesar dos progressos realizados, existia ainda a escravidão. E ao ver as multidões famelicas e sujas que viviam amontoadas nos suburbios das cidades e se agglomeravam ás portas dos asylos e dos quarteis em demanda de um prato de sobras repugnantes; e os camponeses de face bestial, com o cerebro duro como os torrões que elles cavavam desde tempos seculares, e os bandos de operarios que, em troca de irrisorio salario, trepavam aos andaimes, tostavam-se nas forjas e consumiam-se nas minas, pensava que os indios filippinos eram mais felizes, porque nunca lhes faltavam um prato de arroz e fructas das arvores para se alimentarem...

Succediam se as recordações de uma maneira vertiginosa.

De novo se via em sua patria. O contentamento de pisar outra vez o solo natal era amargurado pela noticia da morte de seu pai. A felicidade de ser ainda correspondido por Maria Clara fôra quasi eclipsada pelo conhecimento de uma historia horrivel. As palavras do tenente Guevara voltavam a resoar-lhe lugubremente aos ouvidos. Imaginava seu desventurado pai encarcerado, abandonado de todos, moribundo; e ante seus olhos, illuminado pela colera, surgia a vingativa figura do padre Dámaso. Crueis remorsos lhe empolgavam a alma. Era um mau filho que não soubera vingar-se dos verdugos do pai! O amor cegara-o! O desejo de se ver feliz ao lado da mulher amada tinha lhe feito esquecer os aggravos. De pouco lhe servira a sua egoística conducta. Os seus implacaveis inimigos, os que tinham assassinado o autor dos seus dias e nem sequer lhe haviam respeitado as cinzas, agora, em paga do seu generoso procedimento, assestavam-lhe um terrivel golpe para promover definitivamente a sua ruina. Não era difficil prognosticar a sua sorte. Esperavam-no o carcere, a deshonra e o desprezo de todos. O sinistro plano que Elias acabava de lhe revelar estava habilmente urdido e produziria os effeitos que seus autores desejavam.

Ante esta villania, ante este novo attentado contra a sua ventura, sentia um desespero illimitado. Pareciam ter-se esgotado de repente todas as suas energias. Era destino seu! Era a fatalidade que desde o berço o perseguia! Era a triste sorte dos seus antepassados! A sorte do avô enforcado num ramo do *baliti*, no meio do bosque!... A sorte do pai, exhalando o ultimo suspiro em obscuro calabouço!... Não queria lutar mais! Que os implacaveis inimigos da sua familia terminassem a obra!...

Ibarra soluçava como uma criança, com os cotovelos apoiados na mesa e a cabeça entre as mãos. O ruido dos tiros restituiu-o á realidade. Estava perdido! E sem perda de tempo, dispoz-se a pôr em prática o conselho de Elias. Levantou-se como um louco, entrou no gabinete e quiz preparar uma maleta. Abriu uma caixa de ferro, tirou todo o dinheiro que nella havia e metteu-o num saco. Guardou as suas joias, despendurou um retrato de Maria Clara e poz á cinta um punhal e um revólver.

Naquelle instante soaram á porta três fortes pancadas.

— Quem é? — perguntou Ibarra com voz alterada.

— Abra em nome do Rei, abra immediatamente ou arrombamos a porta! — respondeu em hespanhol uma voz imperiosa.

Ibarra olhou para a janella; brilharam-lhe os olhos e engatilhou o revólver; mas, mudando de ideia, abandonou a arma e foi abrir em pessoa, no momento em que acorriam os criados.

Três guardas o agarraram logo.

— Está preso em nome do Rei! — disse o sargento.

— Porquê?

— Logo lho dirão.

O moço reflectiu um momento, e não querendo talvez que os soldados descobrissem os seus preparativos de fuga, tomou o chapeu e disse:

— Estou á sua disposição!

— Se o senhor promette não fugir, não o maniataremos; o alferes concede-lhe este favor; mas se revela a menor intenção de fuga, fazemos-lhe saltar os miolos.

Elias, que andava a rondar pela aldeia afim de obter noticias e pelas vizinhanças da casa de Ibarra, vendo-o sair, levado pelos guardas, saltou a cêrca, trepou pela janella e penetrou no gabinete.

Elias viu os papeis, os livros, as armas e os saquinhos contendo o dinheiro e as joias. Reconstituiu na imaginação o que ali se passara e vendo tantos que podiam ser compromettedores penson em os levar para os enterrar.

Lançou um olhar ao jardim e á luz da lua viu reluzir as baionetas e capacetes de dois guardas civis que se dirigiam para a casa.

Tomou então uma resolução: amontoou roupas e papeis no meio do gabinete, esvaziou-lhes em cima um lampião de petroleo e pegou-lhes fogo. Cingiu precipitadamente as armas, agarrou nos dois sacos de valores e saltou pela janella.

Era tempo; os guardas civis penetravam na casa.

Distribuiram algumas carónhadas pelos criados e subiram as escadas. Mas não puderam entrar nos aposentos, donde saía uma espessa fumarada e grandes linguas de fogo que lambiam portas e janellas.

— Fogo! fogo! — gritaram todos; e a sua primeira intenção foi apagarem o incendio.

Mas bem depressa se convenceram da sua impotencia e só pensaram em escapar.

Ibarra era affeiçoado aos estudos chimicos e tinha um pequeno laboratorio. Quando a elle chegaram as chammas, soou um estampido formidavel que acabou de aterrar os pobres habitantes de San Diego.

O velho edificio, tanto tempo respeitado pelos elementos, estava convertido numa espantosa fogueira. Crepitavam as madeiras e aluíam os tectos. No sitio onde se achava o laboratorio erguiam-se labaredas verdes e azues. Sobre a immensa columna de chammas via-se um bando de brancas pombas, que fugiam assustadas.

Os criados indios, de cócoras e mascando buyo, contemplavam tranquillamente a obra destruidora do fogo. Os guardam seguiram-lhes o exemplo, sentando-se tambêm.

Aquelles rostos amarelos não exprimiam alegria nem pesar. Pareciam os mysteriosos sacerdotes do elemento sagrado e purificador.

No céu brilhava a lua, cujos pallidos raios pareciam mais brancos ao lado dos avermelhados clarões do incendio.

Reinava um silencio solemne. A revoada de candidas pombas pousara no alto dum coqueiro, talvez para contemplar tambem a destruição do velho edificio que costumavam engalanar com uma orla de pennas riçadas e pés côr de rosa. A aldeia de San Diego sumira-se de novo no repouso. Os sinos do convento tinham cessado de tocar a rebate e a alta torre assemelhava-se um mudo phantasma, acariciado pela luz da lua. Apenas se ouvia de vez em quando o lugubre latido dum cão. Do lado do bosque vinham mil ruidos confusos que pareciam augmentar o majestoso silencio da noite. Eram zunidos de insectos, silvos de serpentes e espreguiçamentos de asas.

Os indios continuavam a contemplar impassiveis o devastador incendio. Da aldeia nenhum auxilio chegava tampouco e as chammas, coroadas de inquietas chispas e pennachos de fumo, pouco tinham já que consumir na vasta habitação.

Cantou um gallo e logo lhe replicou uma algaravia infernal. Das casas, das arvores e do bosque, elevou-se nos ares um cacarejo sem fim.

Começaram a empallidecer as estrellas e o ceu a tornar-se transparente.

No ponto antes occupado pela casa restava unicamente um montão de rescaldo.

Os criados continuavam como que petrificados em extase contemplativo.

— Lá se foi tudo! Acabou-se! — murmurou um delles, levantando-se.

Os outros imitaram-no e dirigiram-se para a povoação, talvez para pedir noticias do seu amo.

Outro incendio começava então a inflammar o céu e a abrasar a terra.

Rompêra o sol!...

XXVIII

VÆ VICTIS!

Acabava de amanhecer.

A rua, onde estavam o quartel e o tribunal, continuava deserta e silenciosa.

Entretanto, pouco a pouco se foram abrindo com cautela algumas janellas, assomando a ellas caras curiosas.

Um quarto de hora depois, estava a rua animadissima. Primeiro sairam das casas os cães, as gallinhas e os porcos; a estes animaes seguiram-se alguns rapazitos, que de braço dado se foram receosamente aproximando do quartel; depois algumas velhas com o lenço atado sob o queixo e um rosario na mão, fingindo rezar para que se deixassem passar os soldados. Quando se viu que se podia andar pela rua sem receber um tiro, começaram a sair os homens apparentando indifferença. Ao principio limitaram-se a dar curtos passeios diante de casa, acariciando o gallo. Depois foram-se atastando até ao tribunal.

Circulavam differentes versões sobre os successos da noite. Uma dellas era que Ibarra, com seus criados, quisera raptar Maria Clara, que fôra defendida pelo capitão Tiago, auxiliado pela guarda civil. Houvera trinta mortos, e o capitão Tiago, que estava tambem ferido retirava-se precipitadamente para Manila com a familia.

A's sete e meia, a versão era já clara e pormenorizada.

— Venho do tribunal, onde vi preso o sr. Chrysostomo — dizia um homem no meio dum grupo de

(Continúa).